

Débora Marchiori e Mello Dias

Amor, Vida, Educação e Trabalho

Rio de Janeiro
2000

Débora Marchiori e Mello Dias

Amor, Vida, Educação e Trabalho

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA
DISCIPLINA MONOGRAFIA

Reitor: Pietro Novelino
Decana: Maria José Mesquita Cavalleiro de Macedo Wehling
Diretora: Dayse Martins Hora
Chefe de Departamento: Mônica Mandarino
Professora: Sueli Barbosa Thomaz

Amor, Vida, Educação e Trabalho

DÉBORA MARCHIORI E MELLO DIAS

Monografia apresentada à Escola de
Educação da Universidade do Rio de
Janeiro para obtenção do grau de
licenciatura em Pedagogia

Professora Orientadora: Sandra Albernaz Medeiros

RIO DE JANEIRO
2000

DIAS, Débora Marchiori e Mello . 2000 . **Amor, vida, educação e trabalho** . 35 f .
Monografia (Graduação em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade do Rio
de Janeiro, 2000 .

D541 Dias, Débora Marchiori e Mello .
Amor, vida, educação e trabalho / Débora Marchiori e
Mello Dias . – 2000 .
35 f . ; 30 cm.

Monografia (Graduação em Pedagogia) – Escola de
Educação, Universidade do Rio de Janeiro, 2000 .

1. Educação e Trabalho . 2. Amor . 3. Vida .
I. Título .

CDD 370
CDU [37+331] :159.942.2



Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditam no amor. Possuindo este sentimento como uma força interna em que podemos transformar o mundo. Só o amor transforma. E Deus é amor.

Agradeço...

... em primeiro lugar a Deus que se faz presente dentro de mim.

... aos meus pais Manoel Cesar e Vera Lúcia que sempre me criaram com amor.

... aos meus irmãos Augusto, Júlio e Soraia que fazem com que o amor esteja entre nós.

... aos meus amigos, que me acompanharam durante esta jornada.

... a minha orientadora Sandra e aos demais professores que fizeram com que este trabalho fosse realizado.

... a todos aqueles alunos, funcionários, donos que já passaram e que passam pela Creche Escola Rancho dos Pequeninos, local em que pude vivenciar o amor como educadora.

... a todas as crianças, que nos faz sorrir, chorar e viver num mundo de esperança.

Enfim, agradeço a todos aqueles que sempre me aceitaram do jeito que sou, fazendo com que eu me sentisse amada e que pudesse amá-los.

Monte Castelo

*Ainda que eu falasse a língua dos homens. E falasse a língua dos anjos,
sem amor eu nada seria.*

*É só o amor, é só o amor que conhece o que é verdade. O amor é bom,
não quer o mal. Não sente inveja ou se envaidece.*

*O amor é fogo que arde sem se ver. É ferida que dói e não se sente. É um
contentamento descontente. É dor que desatina sem doer.*

*Ainda que eu falasse a língua dos homens. E falasse a língua dos anjos,
sem amor eu nada seria.*

*É um não querer mais que bem querer. É solitário andar por entre a
gente. É um não contentar-se de contente. É cuidar que se ganha em se
perder.*

*É um estar-se preso por vontade. É servir a quem vence, o vencedor; É
um ter com quem nos mata a lealdade. Tão contrário a si é o mesmo
amor.*

*Estou acordado e todos dormem, todos dormem. Agora vejo em parte.
Mas então veremos face a face.*

É só o amor, é só o amor. Que conhece o que é verdade.

*Ainda que eu falasse a língua dos homens. E falasse a língua dos anjos,
sem amor eu nada seria.*

Renato Russo – Legião Urbana

RESUMO

Este trabalho aborda questões sobre a vivência humana em relação ao amor, verificando-o em sua vida tanto pessoal quanto profissional. Buscou-se definir o amor, a relação do amor pelo trabalho e do amor no trabalho, buscando sublinhar a importância da afetividade no ambiente em que se vive. A educação é concebida, neste trabalho, como algo que visa a formação do educador numa dimensão de valor produtivo para sociedade, levando em consideração o educando como um todo, inclusive em seus sentimentos. Valoriza o amor em todas as áreas profissionais e o ato de amor como uma prática para a melhoria e evolução do ser humano. Enfoca o modelo de uma escola em que o amor e o trabalho caminham juntos. Sabe-se que trabalhando com amor, o resultado mostra-se positivo. Acredita-se, também, que o papel do educador é um dos elementos essenciais para a formação de um cidadão completo, capaz de agir e participar de suas funções, de modo consciente e democrático.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	06
AGRADECIMENTO	07
EPÍGRAFE	08
RESUMO	09
SUMÁRIO	10
INTRODUÇÃO	11
1- AMOR	12
2- AMOR E TRABALHO	18
3- AMOR E EDUCAÇÃO	22
3.1- AMOR, RELAÇÃO ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO	25
3.2- AMOR E ESCOLA	30
CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35

INTRODUÇÃO

O tema amor foi escolhido a partir da proposta de se discutir a necessidade de resgate deste sentimento entre os seres, além de questionar sua ausência no mundo atual. Aborda situações de vida na área educacional, nas quais procurou-se estabelecer a relação deste sentimento com a prática educativa.

Foram utilizadas fontes teóricas da área educacional, bem como autores que abordam a questão do amor e da emoção nas diferentes relações entre os seres. Este trabalho se propõe a uma discussão teórica.

No decorrer do texto são apresentados enfoques referentes ao amor na vida, no trabalho educacional, nas relações de educador e educando e no ambiente escolar.

Uma das questões apresentadas foi a forma em que o amor se estabelece nas relações entre os seres humanos, valorizando e aceitando o outro como outro.

A busca pela relação do amor na área educacional mostra a importância da formação de um ser como um cidadão ativo e crítico perante o mundo em que se vive, no qual a valorização do ter parece prevalecer sobre o ser, fazendo com que o amor esteja ausente.

Infelizmente, foi possível observar que o amor se encontra ausente em muitos aspectos referentes não só à área educacional, como também no cotidiano dos homens, ou seja em sua vivência e sobrevivência num mundo moderno. Porém, a questão do amor, do amar e se sentir amado também marca a sua presença na interação daqueles que acreditam em sua essência e naqueles que aceitam ser educadores para a transformação da humanidade no mundo.

1- O AMOR

O amor faz parte da poesia da vida. Devemos viver esta poesia que não pode espalhar-se pela vida como um todo, e isso porque, se tudo fosse poesia, não haveria espaço para a prosa. Da mesma maneira que o sofrimento deve existir para que se conheça a felicidade, deverá também haver prosa para que haja poesia. (...) O amor contém um risco terrível porque não é somente um que se engaja nele. Engaja-se a pessoa amada, engajem-se também os que nos amam sem que nós os amemos, ou os que amam a pessoa amada sem que ela os ame.

(Edgar Morin, 1998)

A relação entre os seres humanos apresenta momentos diversos de sentimento na aceitação do outro, em que este deseja ser aceito como outro, para que assim a interação entre eles seja com base na emoção. Segundo Maturana (1999): *O amor é a emoção que constitui as ações de aceitar o outro como um legítimo outro na convivência. Portanto, amar é abrir um espaço de interações recorrentes com o outro, no qual sua presença é legítima, sem exigências.* (p. 67)

Um dos grandes sentimentos valorizados pelo homem, ou talvez o maior dos sentimentos, pode ser identificado como o amor. Porém, em primeiro lugar, buscamos o que vem a ser este sentimento que faz com que a relação entre os seres possa ter satisfação e harmonia.

De acordo com Coelho (1997), podemos dizer que: *O Amor é a regra que resume todas as outras regras. O Amor é o mandamento que justifica todos os outros mandamentos. O Amor é o segredo da vida.* (p. 24)

Sendo assim temos como base questionar o que vem a ser o segredo da vida, ou melhor, o que é viver. Quando falamos em vida pode-se dizer que nela nós buscamos, principalmente, a felicidade, a nossa realização. Mas como podemos

atingir esta felicidade, será que ela está ligada ao amor? De acordo com Coelho (1997):

Este deve ser o nosso objetivo no mundo: aprender a amar. A vida nos oferece milhares de oportunidades para aprender a amar. Todo homem e toda mulher, em todos os dias de suas vidas, têm sempre uma boa oportunidade de entregar-se ao Amor. A vida não é um longo feriado, mas um constante aprendizado. E a mais importante lição que temos é: aprender a amar. Amar cada vez melhor. (p. 54)

De acordo com o texto acima é possível dizer que a vida humana, a busca pela felicidade, está profundamente ligada ao amor. A vida é ministrada com esforços, mas questionamos de forma especial, qual é o principal objetivo a ser alcançado. Jaspers (1965) comenta: *... toda justificação racional e qualquer vida conforme à lei moral, embora essenciais para que vejamos claro, nada serão se não se realizarem através do amor e no amor irão encontrar o apoio melhor. (p. 126)*

Na vida temos diversos sentimentos, positivos ou não, porém cabe a cada ser humano fazer com que sua existência seja valiosa, positiva.

Buscando relações de convivência entre os seres, podemos observar que muitos não sabem, ou não querem saber, que ao nos relacionarmos com os outros estamos tendo contato direto com sentimentos. Porém, infelizmente, algumas pessoas tendem a valorizar o próximo pelo que tem, e não pelo que é. Muitas vezes o ter vale mais que o ser.

O ter é a representação de como se encontra a vida do homem, num mundo em que o materialismo é algo vigente. Muitos são valorizados pelo carro do ano que possuem na garagem, ou então por aquele corpo escultural, baseado em horas de academia e algumas cirurgias, como a moda dos seios de silicone. Porém, até que momento esta falsa felicidade do ter tem valor sobre a vida? Em alguns momentos nos deparamos com situações em que este materialismo exacerbado se torna violento para nossas vidas. Nesta prática não damos importância ao amor.

Desta forma observamos que cada cidadão parece viver no seu mundo, sem se importar com o que está acontecendo com o outro.

A consciência e o fazer podem mudar esta situação de violência em que o ser humano parece não querer defender a própria vida. É neste momento que devemos lembrar que o amor existe, que este, com certeza, transforma.

Esta busca do que vem a ser o amor parece caminhar próximo à solidariedade, pois ninguém vive sozinho, dependemos do outro para confirmar a nossa própria existência, confirmar o nosso viver, o nosso ser. Segundo Morin (1998):

Nosso cotidiano vive sempre em busca do sentido. Mas o sentido não é obrigatório, não provém da exterioridade de nossos seres. Emerge da participação, da fraternização, do amor. O sentido do amor e da poesia é o sentido da qualidade suprema da vida. Amor e poesia, quando concebidos como fins e meios do viver, dão plenitude de sentido ao "viver por viver". (p. 10)

Novamente podemos observar que vida e amor estão interligados. Será que vale a pena viver sem nunca amar ou se sentir amado? A vida pode ser questionável, quanto a nossa própria existência, com questões como: De onde venho? Para onde vou? Onde estamos? Mas será que o amor também é assim, será que o amor precisa ser questionado ou basta ser praticado?

O amor precisa fazer parte de uma prática constante em nossas vidas. Pois é neste mundo em que vivemos, que aprendemos a amar.

Sendo o amor algo assim, tão importante e supremo de sabedoria, deveríamos então assumir este sentimento tão sincero e não termos vergonha de sentir e dizer: *eu te amo*. Segundo Morin (1998):

...O amor é algo único, como uma tapeçaria que é tecida com fios extremamente diversos, de origens diferentes. Por trás de um único e evidente "eu te amo" há uma multiplicidade de componentes, e é

justamente a associação destes componentes inteiramente diversos que faz a coerência do "eu te amo". (p. 16)

Verificamos que o sentimento amor, engloba vários outros sentimentos, ou seja em nossa prática de vida possuímos diversos momentos em que empregamos diferentes sentimentos, positivos e negativos. Estes em conjunto fazem parte de nossas emoções, que se apresentam em nossa própria cultura.

O mundo se apresenta de uma forma em que seus valores podem ser questionados. A cultura vigente estimula o ser humano racional, provoca a desvalorização das emoções, pois não é observado o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção. Todo sistema racional possui um fundamento emocional. Conforme diz Maturana (1999): *As emoções são um fenômeno próprio do reino animal. Todos nós, os animais, as temos.* (p. 16)

A busca pelo equilíbrio, pela ordem, entre razão e emoção, também leva à realização do desejos, como diz Saltini (1999):

..., o homem livre não é um ser caótico que sai pelo mundo a satisfazer os seus próprios desejos indiscriminadamente, mas sim aquele que percebe a totalidade de um mundo externo e procura conduzir a sua natureza integrada com o seu profundo desejo, sem destruir e sem fazer com que os outros pereçam em função de sua conduta. (pp. 54-5)

De acordo com o que foi citado, o ser humano se constitui no entrelaçamento do emocional com o racional

A ação humana não se constitui sem uma emoção que a estabeleça como tal e torne possível como ato. Para a ação humana ocorre interações em que a emoção é necessária, sendo uma delas, o amor. Segundo Maturana (1999):

O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência. As interações recorrentes no amor ampliam e estabilizam a convivência; as interações recorrentes na agressão interferem e rompem a convivência. (p. 22)

Podemos então, dizer que não é a razão o que nos leva à ação, mas sim a emoção. Segundo Jaspers (1965): *...É no amor que somos realmente nós mesmos. Tudo o que em nós tem alguma significação é, em sua origem, amor.* (p. 117)

Desde o nascimento necessita-se de uma figura materna que proteja o bebê, alguém que o faça se sentir amado, para que também possa amar. O ser humano é um animal que necessita do encontro personalizado com o outro, somos animais dependentes de amor. Para esta afirmação Maturana (1999) afirma que:

O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida na qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança, assim como para a conservação da saúde física, comportamental, psíquica, social e espiritual do adulto. (p. 25)

De acordo com o que foi citado, nós, seres humanos, temos origem no amor e dependemos dele, uma vez que uma grande parte do sofrimento vem da negação do amor. O amor está na origem do mundo e da vida, seja do ponto de vista biológico quanto psicológico.

No mundo de hoje, os seres humanos necessitam da própria busca do eu. Quando este objetivo é alcançado, o ser humano se encontra pronto para começar a amar e se sentir amado. Lázaro (1996) chama a atenção da presença de vários fatores na experiência amorosa:

...O amor no mundo moderno torna-se um grande espaço que envolve o corpo, os sentimentos, a imaginação, o próprio reconhecimento que o sujeito faz de si. A promessa de experimentar o eu em toda sua intensidade na descoberta do jogo amoroso só é possível quando a identidade deste eu supõe uma auto-referência que descarta as relações sociais que dão ao indivíduo sua posição no mundo. (p. 78)

E ainda, nos acrescenta Jaspers (1965): *O amor não reconhece instância que lhe esteja acima. Julga suas próprias manifestações, recorrendo à consciência moral; julga-as impiedosamente, mas com amor.* (p. 126)

2- AMOR E TRABALHO

O amor como experiência de um mundo plenamente dotado de sentido não é estranho ao homem moderno. Somos tentados a crer que no amor conhecemos uma ampliação de nossos limites até sua dissolução numa ordem onde o tempo e o espaço adquirem novo valor. O amor é, para nós, uma experiência sagrada. Mas, diferentemente dos antigos, não é o amor que é sagrado, mas nossa própria experiência, em sua dimensão estritamente pessoal e intransferível. O homem é um mundo.

(André Lázaro, 1997)

Visando estabelecer uma relação entre amor e trabalho, a maioria dos seres humanos modernos buscam seu lado profissional numa área em que a melhor recompensa venha sob a forma do salário.

Sem dúvida, é claro que o salário, o dinheiro, é importante para a vida de qualquer trabalhador, principalmente para aqueles que tem como valor principal apenas a obtenção de bens.

Esta situação de vida nos mostra, mais uma vez, o quanto o ter é essencial para satisfazer os desejos, que em alguns momentos podem se tornar necessidades. Os desejos transformam-se em necessidades a partir do momento em que deixam de ser supérfluos e passam a fazer parte da vida, da necessidade do homem. Estes desejos e necessidades são realizados somente por aqueles que possuem condições para tal, algumas vezes, fruto de seu trabalho. De acordo com Sung (1998): ... os luxos de hoje, isto é, objetos de desejo, são as necessidades de amanhã. (p. 54).

É, também, do ponto de vista profissional que o ser humano busca realizações, de desejos, e é neste momento que ele tende a fazer uso do amor.

As situações de trabalho colocam o homem em contato direto com relações não-sociais, segundo Maturana (1999). Estas situações podem fazer com que as emoções possam surgir, pois há o contato com o outro. Porém, é somente na convivência e na aceitação do outro que o amor faz a sua presença. Conforme lembra Maturana (1999):

... a emoção que define o domínio de ações em que se constituem as relações que na vida cotidiana chamamos de relações sociais, vemos que ela é o amor, porque as ações que constituem o que chamamos de social são as de aceitação do outro como um legítimo outro na convivência. (p. 68)

Observamos, então, que a convivência com o outro é essencial para a prática do amor. Esta convivência baseada no amor, busca a relação harmoniosa e aceitando o outro como tal, fazendo com que a relação de trabalho possa ser agradável e prazerosa.

Quando o trabalho é fruto de uma relação em que emoção e razão possam caminhar juntos o desempenho profissional pode ser gratificante. Porém, de acordo com Maturana (1999), as relações de trabalho não são relações sociais, pois o ambiente profissional possui o compromisso de cumprir uma determinada tarefa, sendo este cumprimento a única coisa que importa. Desta forma observamos que nas relações de trabalho nem sempre o outro é aceito como outro.

As relações de trabalho no mundo moderno visam o poder, o autoritarismo, conforme o ditado popular: *manda quem pode, obedece quem tem juízo*. Estas relações de poder e de obediência não são relações sociais. Maturana (1999) afirma:

... O poder não é algo que um ou outro tem, é uma relação na qual se concede algo a alguém através da obediência, e a obediência se constitui quando alguém faz algo que não quer fazer cumprindo uma ordem. O que obedece nega a si mesmo porque, para evitar ou obter algo, faz o que não quer a pedido do outro. O que obedece age com raiva, e na raiva nega o outro porque o rejeita e não o aceita como um legítimo outro na convivência. (p. 70)

Em algumas dessas situações, em que o homem não aceita o próximo, as relações tornam-se desagradáveis. Um dos grandes problemas encontrados no mundo de hoje, é o mal-estar freqüentemente vivido com angústia e sofrimento nos ambientes de trabalho.

Podemos citar como exemplo, um educador que faz o seu trabalho conscientemente, com dedicação e por amor. Muitas vezes ele tem a necessidade de buscar outro campo para que possa complementar sua renda familiar.

O homem deveria ser livre para escolher onde e com o que trabalhar. Sendo assim, Morin (2000) comenta:

O sujeito pode, eventualmente, dispor de liberdade e exercer liberdades. Mas existe toda uma parte do sujeito que não é apenas dependente, mas submissa. E, de resto, não sabemos realmente quando somos livres. (p. 126)

Podemos dizer que o homem se encontra submisso até mesmo naquilo que gosta de fazer. O domínio, o abuso de poder leva o homem a se rebaixar, a ser falso diante das possibilidades que o cercam. A sociedade parece sorrir, enquanto a vontade é de chorar, e o amor acaba sendo esquecido.

A sociedade brasileira se apresenta, na sua grande maioria, de uma forma em que o pessimismo parece dominá-los, pois as atitudes em que a reação seria algo positivo diante de situações violentas, parecem não ter vez. De acordo com Costa (1997):

O que choca o Brasil não é tanto a truculência agressões, mas a impotência com que aprendemos a reagir a tudo isto. Cotidianamente nossos jornais mostram cenas estupefadoras em que horror e circo parecem misturar-se, ao mesmo tempo em que proliferam as estratégias de "salvação" individual. (p. 66).

Visando tentar transformar este quadro, temos na ética a preocupação com as conseqüências que as ações do homem tem sobre o outro, e com a

aceitação do outro, que pertence ao domínio do amor. Desta forma Maturana (1999) diz que:

É devido ao caráter social das preocupações éticas, dependente do amor e não da razão, que uma determinada comunidade política pode fazer apreciações éticas que não são válidas para outra.(...)... é preciso entendermos isso, porque na medida em que a fenomenologia do amor está no fundamento biológico do humano, ela estará presente de qualquer maneira. (p. 74)

3- AMOR E EDUCAÇÃO

O nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho. Por isso os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos.

(Rubem Alves, 2000)

Ao mencionarmos a escola falamos de educação. Educar é um processo no qual a criança ou o adulto convive com o outro, é isto acontece durante toda a vida. O educar faz com que a criança aprenda a aceitar-se e a respeitar-se e ao ser aceita e respeitada em seu ser ela aprenderá desde cedo, a aceitar e respeitar o outro. Assim, Maturana (1999), nos diz que: *... sem aceitação e respeito por si mesmo não se pode aceitar e respeitar o outro, e sem aceitar o outro como legítimo outro na convivência, não há fenômeno social.* (p. 31). Desta forma, a criança que não se aceita e não se respeita, não tem espaço para reflexão, porque vive na negação do seu próprio eu, de si mesma e na busca do que não é e nem pode ser e, muitas vezes, situações como esta podem gerar conflitos na adolescência. É, na juventude, que se busca a experimentação desse mundo de convivência na aceitação e no respeito pelo outro a partir da aceitação e do respeito por si mesmo.

A educação tem um papel provocador de busca de conhecimento do mundo. Isto se dá na aceitação e no respeito de si e do outro. Para que isto ocorra a presença do amor é essencial.

A educação é um processo contínuo que dura por toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere, isto é, a educação como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente.

Esta formação poderia fazer com que o ser humano buscasse uma felicidade de acordo com o seu ser e o do outro, visando buscar a melhoria em suas relações, Morin (2000) nos diz que: *... a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, senão mais felizes, e a nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.* (p. 11)

Desta forma, observamos que a educação é um fator importante na formação do cidadão para que sua vida seja ministrada de forma coerente e sadia na aceitação do seu próprio eu e na aceitação do outro como outro, fazendo com que esta relação possa ser de satisfação mútua. Segundo Morin (2000):

A EDUCAÇÃO deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional. (p. 65)

A educação de um cidadão, partindo desde a formação da criança, é um fator essencial para a construção de um mundo melhor, em que as relações sejam de respeito e aceitação do outro como ato de amor.

No mundo moderno, Saltini (1999) nos diz que educar é:

Um processo que permite ao homem ser o sujeito de tal ação, e não objeto de outros sujeitos ou muitas vezes do próprio objeto; Um meio pelo qual o homem possa "construir-se" como pessoa em termos de Ser e não de Ter, ocupando o seu potencial do sentir e do pensar; Uma iniciação à crítica, à interpretação e à transformação do mundo, inovando-o para o seu bem próprio e do Outro. (p. 31)

Tendo como base a vida do ser humano, a educação poderia ser pensada como meio de promover a própria vida, apropriando-se dela com as próprias mãos, em que o afeto busca o prazer que se transforma em interesse provocando a interação com o meio, Saltini (1999), então propõe que:

A educação é uma arte. Não é uma mera profissão ser educador. Manipulamos a educação com as duas mãos: do afeto e da lei e das

regras. Enganam-se aqueles que vêem na educação construtivista, uma educação caótica. (p. 81)

É preciso que se pense no futuro, em que uma educação para o amanhã requer práticas escolares que resgatem o que hoje, em geral, a escola nega ao aluno, isto é, a originalidade, a autenticidade no agir, no pensar, o desejo de explorar e conhecer o novo, o difícil, a responsabilidade de enfrentá-lo para satisfazer a fins pessoais e coletivos

3.1- AMOR, RELAÇÃO ENTRE EDUCADOR E EDUCANDO

Educadores, onde estarão? Em que covas terão se escondido? Professores, há aos milhares. Mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de uma grande amor, de uma grande esperança.

(Rubem Alves, 1991)

As relações entre os seres humanos estão sempre presentes no ambiente educacional, entre quem ensina e quem aprende, entre o educador e o educando.

Para que a educação e o ensino possam ser transmitidos de forma coerente, a relação entre educador e aluno tende a ser harmoniosa e prazerosa, além de ser de respeito mútuo e liberdade.

Nesta relação é preciso que o educador compreenda a aprendizagem como a articulação entre as dimensões racional e desiderativa da interrelação do sujeito com o meio. Cabe ao educador estabelecer um vínculo com a criança, em que o prazer de ensinar se articule com o prazer de aprender.

O educador é quem deve fazer a mediação, mostrando que aprender é bom, prazeroso, possível, mas que não traz a plenitude constante, que errar, falhar faz parte natural do processo de aprender.

É importante que o educador crie situações em que o educando possa participar, integrar, sem que perca a sua individualidade. Sendo esta relação tranqüila e equilibrada, o desejo da criança será cada vez maior em aprender.

Ao tratarmos do termo educador, o epígrafe de Alves (1991) mostra que educadores são confundidos com professores, além disso comenta:

*Eu diria que os "educadores" são como as velhas árvores. Possuem uma fase, um nome, uma "estória" a ser contada. Habitam um mundo em que o que vale é a relação que os liga aos alunos, sendo que cada aluno é uma "entidade" **sui generis**, portador, de um nome, também de uma "estória", sofrendo tristezas e alimentando esperanças. E a educação é algo para acontecer neste espaço invisível e denso, que se estabelece a dois. Espaço artesanal. (p. 14)*

Ainda de acordo com Alves (1991) podemos observar a relação em que o educador aceita o aluno, o outro, como ele é. Desta forma verificamos que nesta relação de educador e educando está presente o amor.

Segundo Freire (2000): *o educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala **com** ele. (p. 128)*

Ao falar de educação Freire (2000) define o bom professor, ou seja o educador, como aquele que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. Desta forma, a relação é prazerosa, e a relação ensinar e aprender se torna realidade.

Freire (2000) comenta:

Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade. (p. 26)

O trabalho de um educador não é fácil, requer alegria e sofrimento. Segundo Alves (2000):

Muito se tem falado sobre o sofrimento dos professores. Eu, que ando sempre na direção oposta e acredito que a verdade se encontra no avesso das coisas, quero falar sobre o contrário: a alegria de ser professor, pois o sofrimento de ser um professor é semelhante ao sofrimento das dores de parto: a mãe o aceita e logo dele se esquece, pela alegria de dar à luz um filho. (p. 9)

Observamos que após um exercício de trabalho, encontramos a alegria. Após um momento de dedicação e compromisso com a educação, os maiores envolvidos, educador e educando, tendem a se satisfazer numa troca recíproca de afeto e carinho, em que o amor se faz presente numa relação de ensino.

Morin (2000) propõe que: *A missão do ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre.* (p. 11)

Durkheim (*apud* Morin, 2000) também nos diz que:

... o objetivo da educação não é o de transmitir conhecimentos sempre mais numerosos ao aluno, mas o "de criar nele um estado interior e profundo, uma espécie de polaridade de espírito que o oriente em um sentido definido, não apenas durante a infância, mas por toda a vida". É, justamente, mostrar que ensinar a viver necessita não só dos conhecimentos, mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida. (p. 47)

Uma questão a ser tratada na relação entre educador e educando, é como esta aprendizagem tem sido abordada. A questão da alegria parece não ter sido valorizada, Alves (2000) comenta:

Os técnicos em educação desenvolveram métodos de avaliar a aprendizagem e, baseados em seus resultados, classificam os alunos. Mas ninguém jamais pensou em avaliar a alegria dos estudantes – mesmo porque não há métodos objetivos para tal. Porque a alegria é uma condição interior, uma experiência de riqueza e de liberdade de pensamentos e sentimentos. A educação, fascinada pelo conhecimento do mundo, esqueceu-se de que sua vocação é despertar o potencial único que jaz adormecido em cada estudante. (pp. 18 – 9)

Para Saltini (1999), o encontro de amor, nasce e transforma-se a vida, faz com que mude-se os destinos e com isto educamos um ser para si e para o seu meio.

O educador não deveria questionar somente o por que as crianças não aprendem, mas sim por que o professor se nega a aprender a educar. Toda educação e ação educativa deveria estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida. De acordo com Saltini (1999):

... educar é: um processo que permite ao homem chegar a ser o sujeito de sua própria ação, em harmonia com o "si mesmo" e não apenas objeto de outros sujeitos; um meio para que o homem possa se construir como pessoa em termos de "sendo" e não de "tendo" (Ser, não Ter); uma iniciação à crítica, interpretação e transformação do mundo, inovando-o para o bem-estar próprio e do outro. (p. 23)

A educação deveria colocar o conhecimento a serviço do homem, para que este conhecimento possa ser transformado em sabedoria, Saltini (1999) comenta:

... gostaríamos de fazer com que a educação fosse uma via para a doação do homem a si mesmo; um trabalho de amor, dando ao próprio homem aquilo que lhe pertence, ou seja, a sua capacidade de inventar, criar, fazendo coisas novas, criticando o que já existe, buscando novos caminhos e aprendendo a descobrir por ele mesmo, sentado comodamente no banco de sua própria segurança, confiando na sua espontaneidade e tendo a coragem de ser. (p. 26)

O homem deveria ser valorizado pelo o que ele é, suas ações, emoções, enfim tudo que o faz ser um sujeito valorizado e respeitado, para que também possa respeitar e aceitar o próximo, amando a si e ao outro.

Conforme Alves (2000):

O corpo de uma criança é um espaço infinito onde cabem todos os universos. Quanto mais ricos forem esses universos, maiores serão os vôos da borboleta, maior será o fascínio, maior será o número de melodias que saberá tocar, maior será a possibilidade de amar, maior será a felicidade. (p. 69)

De acordo com a falsa solução para a educação, Saltini (1999) afirma:

O pensamento que reina entre os profissionais é que o problema da educação se resolveria com melhoria dos laboratórios, das salas de aula, dos materiais pedagógicos, dos equipamentos e componentes de informática e de audiovisuais. Enquanto o ser humano permanecer na atitude de observador científico "alheio", tornando-se a si mesmo como objeto de sua investigação, só estará em contato com o seu interior pelo "pensar", não experimentando assim a realidade mais ampla e mais profunda que existe dentro de si mesmo. O descobrimento do homem que somos não é precisamente um ato intelectual, uma experiência afetiva que dificilmente será expressa em palavras. Ao descobrir o homem que sou terei descoberto o outro como ele é. (p. 15)

O professor deveria passar por uma reciclagem, e para isto Alves (1991) comenta:

*E eu pensaria que o acordar mágico do educador tem então de passar por um ato de regeneração do nosso discurso, o que sem dúvida exige fé e coragem: coragem para dizer em aberto os sonhos que nos fazem tremer. A formação do educador? Antes de mais nada: **é necessário reaprender a falar.** (p. 27)*

Segundo Saltini (1999), a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida, para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. O papel do educador tende a ser específico e diferente do das crianças. O educador prepara e organiza o micro-universo em que as crianças buscam e se interessam.

Saltini (1999) comenta: *a postura desse profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que em cada idade diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo.* (p. 88)

É necessário que o educador seja um curioso, um pesquisador para que assim dê possibilidades para a criança descobrir verdades, ao invés de impor conteúdos.

Infelizmente, grande parte dos "educadores" de hoje tem uma postura de não aceitação àquilo que a criança já sabe e do ser humano em sua totalidade.

3.2- AMOR E ESCOLA

A escola deve considerar que os vinte e cinco anos de formação não são meros momentos de construção de novos conhecimentos. Trata-se de uma vida palpitante, cheia de vicissitudes, de dores e de prazeres. Mais do que saber as respostas para as questões de hoje, o aluno deve ser incentivado ao exercício da produção do próprio pensamento, que o torna apto a enfrentar as questões que aparecerão no decorrer de sua vida. Não se trata propriamente de ensiná-lo, mas prepará-lo para os desafios atuais e principalmente os futuros.

(Cláudio J. P. Saltini, 1999)

Uma das mais importantes fontes de enriquecimento dos seres humanos, se encontra dentro da escola. Porém, qual seria o verdadeiro papel da escola?

A educação tem como seu ambiente principal e tradicional a escola. A escola é conceituada como o local em que ocorre a relação do ensinar e do aprender, bem como a relação de convívio entre educando e educador.

Na escola a criança busca o equilíbrio de sua relações, desta forma o educador fornece possibilidades para a criança equilibrar-se e perceber a si mesma e ao outro.

Segundo Saltini (1999):

*... faz-se necessário, pensarmos na educação e no papel da escola sob três aspectos fundamentais: a educação é um processo que deveria permitir ao indivíduo chegar a ser sujeito de sua ação e de suas abstrações e não o objeto de outro sujeito. O sujeito graças a sua capacidade de assimilar e acomodar se autoconstrói, se autotransforma e se auto-regula; a educação é o meio pelo qual o homem pode construir-se como pessoa plena em termos de **ser** e não de **ter**. Por isso a escola deve priorizar o **ser** e não o **ter** (...); a educação é uma iniciação à crítica, à interpretação e à transformação do mundo, inovando-o. (p. 59)*

De acordo com o que foi citado, a valorização do ser humano deve ser prioridade, dentro do ambiente educacional. A aprendizagem realmente significativa leva-se para vida.

Para que a escola atinja o objetivo de fazer de seu aluno um cidadão consciente, é necessário perceber que para educar o ser humano é preciso conhecê-lo profundamente e respeitá-lo no seu desenvolvimento.

A escola deveria se preocupar com o cotidiano, desde a Educação Infantil até a Universidade, buscando entender mais de seres humanos e de amor do que apenas de conteúdos técnicos educativos.

A escola poderia preocupar-se e levar em consideração toda a experiência que o aluno traz. Segundo Freire (2000):

Não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, se não se levam em consideração as condições em que eles vêm existindo, se não se reconhece a importância dos "conhecimentos de experiência feitos" com que chegam à escola. O respeito devido à dignidade do educando não me permite subestimar, pior ainda, zombar do saber que ele traz consigo para a escola. (p. 71)

Mais uma vez observamos o quanto o reconhecimento e a aceitação do outro como outro é importante para as relações no processo de ensino-aprendizagem. As propostas escolares deveriam ser compatíveis com as possibilidades cognitivas e afetivas, pois caso contrário, romperá com o desejo de aprender e com o prazer de saber.

Sem este prazer, a escola passa a ser um ambiente desagradável e ano após ano a criança se transforma num adolescente que perde o desejo de aprender.

Ao percorrer um caminho de satisfação, a criança chega à adolescência capaz de atender ao desejo de aprender questionando conhecimentos, percebendo-

os como facilitadores de sua competência, num momento em que busca legitimidade vivendo com o outro.

A criança acaba mantendo, desta forma, o desejo de aprender. Axline (1992) comenta:

Uma criança, quando possibilitada a oportunidade, pode vivenciar a alegria de uma comunicação honesta e sem hipocrisias. Um mãe, quando respeitada e aceita com dignidade, sabendo que não será criticada ou censurada, pode expressar-se com autenticidade sincera. (p. 290)

CONCLUSÃO

Este trabalho mostrou quanto o amor é necessário para a relação entre os seres e quanto, infelizmente, a sua ausência faz parte de nosso cotidiano.

O mundo atual parece negar a presença do amor, rejeitando o outro como outro, para assim poder crescer materialmente. Essa rejeição surge de um sentimento puramente racional, em que a emoção é deixada de lado.

Como educadores o nosso pensar e a nossa ação na vida e na formação de um outro ser deveria dar enfoque para a construção de uma sociedade mais humana e justa. Em que o amor se faça presente.

Para que isto faça parte da prática educativa é necessário que haja a união entre os seres, é preciso que haja respeito e aceitação do outro como outro. Quando falo em união me refiro à solidariedade, que está diretamente ligada ao amor.

Precisamos ter consciência que o amor existe, assim como o homem, pois aquele que reconhece o amor, reconhece o ser humano, e isto é amor.

Viveríamos num mundo melhor, caso todos fizessem com que suas práticas fossem realizadas com amor. Podemos até sonhar, sonhar que o amor está presente em tudo aquilo que está ao nosso redor, seja no profissional ou no pessoal, pois tudo está interligado. E para que este sonho se transforme em realidade, basta viver com amor.

Ao vivermos por uma busca de nossas realizações, com base na emoção e no amor, estamos vivendo de uma forma otimista, estamos buscando uma melhoria, que significa que temos esperança, esta esperança é fortalecida cada vez mais por um sentimento.

Este sentimento é único, é algo verdadeiro, é algo que faz com que apesar de todos os obstáculos encontrados, estamos sempre caminhando e acreditando. Pois somente quando caminhamos é que crescemos, só assim podemos evoluir. Enfim, este sentimento é o Amor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AXLINE, Virginia Mae. *Dibs em busca de si mesmo*. Rio de Janeiro: Agir. 18.^a edição. 1992
- BETTO, Frei, BARBA, Eugênio e COSTA, Jurandir Freire. *Ética*. 1997. S.I.
- MORIN, Edgar. *Amor poesia sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1998
A cabeça bem-feita. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2.^a edição. 2000
- MATURANA, Humberto. *Emoções e linguagem na educação e na política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 1999
- LÁZARO, André. *Amor do mito ao mercado*. Petrópolis: Vozes. 1996
- SALTINI, Cláudio J. Paulo. *Afetividade & Inteligência*. Rio de Janeiro: DP&A Editora. 3.^a edição. 1999
- ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas: Papyrus. 2.^a edição. 2000
Conversas com quem gosta de ensinar. Cortez Editora. 1991
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra. 16.^a edição. 2000
- DRUMOND, Henry. *O Dom supremo*. Adaptação de Paulo Coelho. Rio de Janeiro: Rocco. 1991
- JASPERS, Karl. *Introdução ao pensamento filosófico*. São Paulo: Cultrix. 3.^a edição. 1965
- SUNG, Jung Mo. *Desejo, Mercado e Religião*. Rio de Janeiro: Vozes. 3.^a edição. 1998